

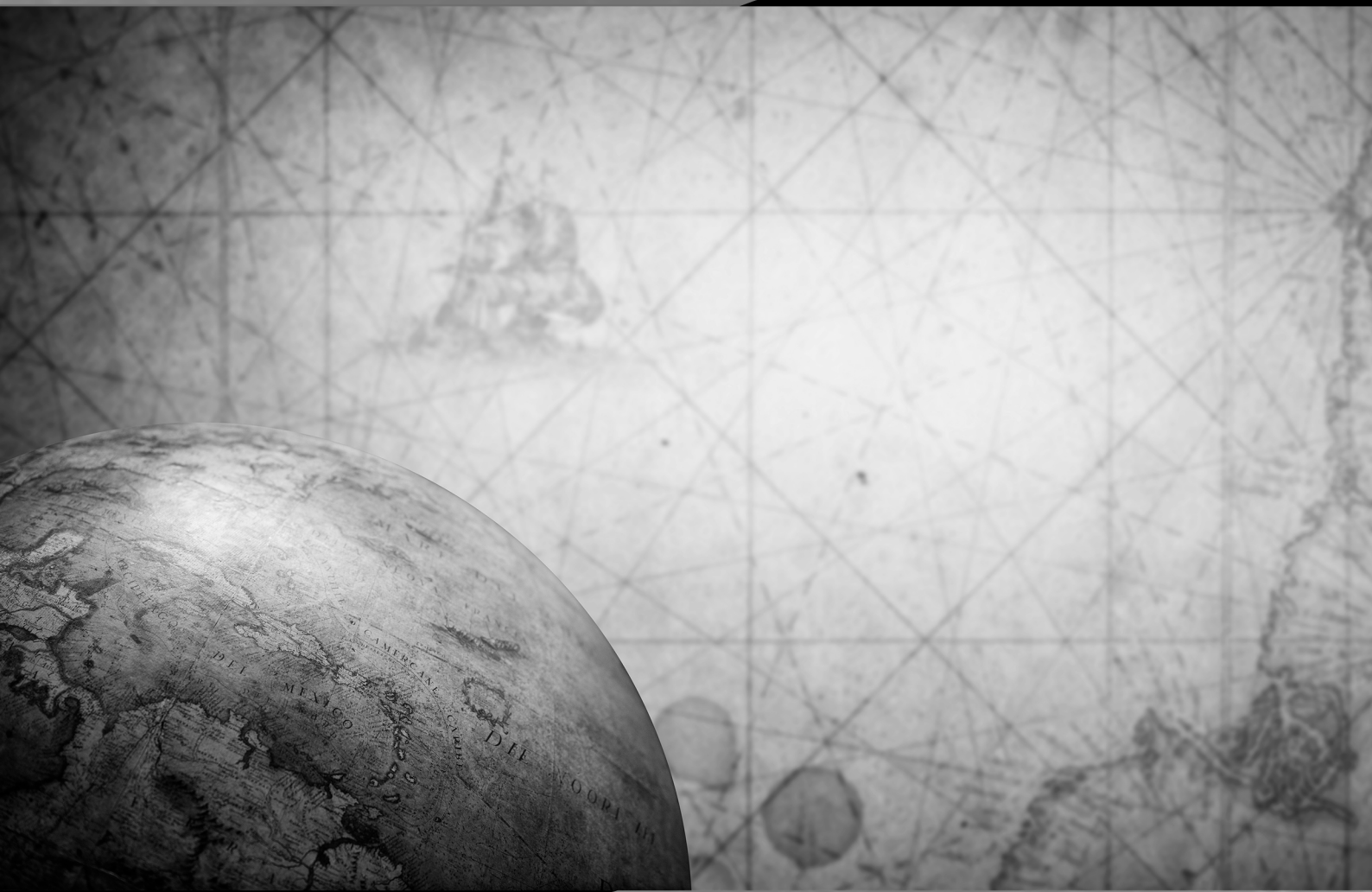
A DIVERSIDADE E AS QUESTÕES POLÍTICAS, HISTÓRICAS E CULTURAIS



**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**

Atena
Editora
Ano 2020

A DIVERSIDADE E AS QUESTÕES POLÍTICAS, HISTÓRICAS E CULTURAIS



**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**

Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Lorena Prestes

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
 Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
 Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
 Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
 Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
 Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
 Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
 Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Douglas Santos Mezacas -Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
 Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
 Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
 Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Me. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
 Profª Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
 Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
 Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

D618 A diversidade e as questões políticas, históricas e culturais [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-86002-67-6

DOI 10.22533/at.ed.676202003

1. Ciências sociais. 2. Igualdade. 3. Psicologia social.
4. Tolerância. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza.

CDD 302

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná - Brasil

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Mudanças tecnológicas no século XXI fronteiras se aproximam por meio do mundo virtual, com elas intensificam migrações, as desigualdades, a globalização capitalista, os fundamentalismos, a luta pela terra e pela igualdade de direitos assumem outros formatos. Com ela transformam as formas de resistência com novas estratégias para um acelerada exploração capitalista, enfrentamento ao racismo, ao machismo, xenofobia, à LGBTIfobia, fundamentalismo político e religioso, à intolerância religiosa se intensificam pelos diferentes espaços do mundo. Fronteiras são quebradas e passagens são rompidas por uma vida cibernética, mudam se as relações das pessoas, os negócios entre os países, ideologias, posicionamentos políticos e governos. Circularam e aproximaram novos olhares sobre o mundo, conceitos, preconceitos, sustentabilidade. Aproximaram e fizeram circular visões de mundo, valores, sujeitos, conceitos, preconceitos, visões sobre o meio ambiente, sobre a sustentabilidade. Vários foram os motivos que o foco mudou, sujeitos sociais passam buscar o seu lugar de fala, seu protagonismo social e político, organizados ou não em movimentos sociais. E quando se organizam, estão vinculados àqueles que levantam bandeiras emancipatórias de gênero, raça, idade, deficiência. Esse conceito de emancipação versa em uma articulação de perspectivas que combinam desde a visão democrática-igualitarista de sociedade, a uma visão socialista e, até mesmo, políticas públicas para a diversidade.

Aprofundar o debate sobre sexualidade e gênero na sala de aula contribui para uma educação mais inclusiva, equitativa e de qualidade. É o que diz comunicado divulgado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) no Brasil. No texto, a Unesco propõe que a legislação e os planos educacionais brasileiros incorporem perspectivas de educação em sexualidade e gênero. De acordo com o comunicado, isso se torna ainda mais importante porque a educação é compreendida como processo de formar “cidadãos que respeitem as várias dimensões humanas e sociais sem preconceitos e discriminações”. De acordo a Unesco, o ensino de gênero nas escolas é primordial para prevenir e extirpar toda e qualquer forma de violência, em especial a violência de gênero. “Diante de recentes fatos ocorridos no país, no que se refere à violência sexual, a Unesco no Brasil reafirma seu compromisso com a garantia dos direitos das mulheres e da população LGBT [Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros], sendo contrária a toda forma de discriminação e violação dos direitos humanos em qualquer circunstância e, em especial, em espaços educativo.” O assunto é polêmico e alvo de embates entre entidades ligadas a direitos humanos e grupos religiosos, que alegam, entre outros argumentos, que o debate de gênero incentiva a homossexualidade. A questão chegou a ser excluída do Plano Nacional de Educação (PNE) por pressão de parlamentares conservadores, e de planos estaduais e municipais de educação. Os planos definem metas e estratégias para a educação desde o ensino infantil até a pós-

graduação e tratam também da formação de professores e financiamento do setor. As metas devem ser cumpridas até 2024. Para a Unesco, debater essas questões em sala de aula é fundamental para que homens e mulheres, meninos e meninas tenham os mesmos direitos. A intenção é que as escolas ensinem aos estudantes que todas as pessoas são iguais, independentemente da identidade de gênero, e que existem diversas orientações sexuais, que devem ser respeitadas. “As desigualdades de gênero, muitas vezes evidenciadas pela violência sexual contra meninas, expõem a necessidade de salvaguardar marcos legais e políticos nacionais, assim como tratados internacionais, no que se refere à educação em sexualidade e de gênero no sistema de ensino do país”, diz a agência das Nações Unidas. Um dos compromissos dos países-membros da Organização das Nações Unidas é garantir o cumprimento da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, adotada pelo Brasil e todos os outros Estados-membros da ONU em 2015. Entre os 17 objetivos globais da agenda, está a garantia de ambientes de aprendizagem seguros e não violentos, inclusivos e eficazes, e a promoção da educação para a igualdade de gênero e os direitos humanos. Em março, a Unesco divulgou o Atlas de Desigualdade de Gênero na Educação, que mostra que, no mundo, quase 16 milhões de meninas entre 6 e 11 anos nunca irão à escola. O número é duas vezes maior que o de meninos. Entre eles, no mundo, 8 milhões nunca frequentarão as salas de aula.

Desejo a todos uma boa leitura e que os artigos aqui reunidos sejam fonte de inspiração para reflexões sobre o lugar do pesquisador e da pesquisa na produção em A DIVERSIDADE E AS QUESTÕES POLÍTICAS, HISTÓRICAS E CULTURAIS.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
GÊNERO E PRISÃO: OS IMPACTOS DO SISTEMA PRISIONAL SOBRE A DESIGUALDADE SOCIAL E INVISIBILIDADE DA MULHER ENCARCERADA NO ESTADO DE ALAGOAS	
Bruna Araújo de Melo Ferreira Ialy Virgínia de Melo Baía	
DOI 10.22533/at.ed.6762020031	
CAPÍTULO 2	16
GÊNERO, CIDADANIA E EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DOS MOTORISTAS BRASILEIROS	
Carla Rezende Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.6762020032	
CAPÍTULO 3	27
CONSTRUÇÃO SOCIAL DOS GÊNEROS E SUA INFLUÊNCIA NOS RELACIONAMENTOS SORODIFERENTES PARA O HIV/AIDS	
Celestino José Mendes Galvão Neto Juliana Rodrigues de Albuquerque Ana Alayde Werba Saldanha	
DOI 10.22533/at.ed.6762020033	
CAPÍTULO 4	38
A VIOLÊNCIA E SUAS DIFERENTES FORMAS	
Gustavo Nogueira Dias Wagner Davy Lucas Barreto Gilberto Emanuel Reis Vogado Eldilene da Silva Barbosa Natanael Freitas Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.6762020034	
CAPÍTULO 5	48
O PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO NA ESCOLA	
Solange Aparecida de Souza Monteiro Paulo Rennes Marçal Ribeiro Célio Marcos Colombo Molteni depois de Paulo Melissa Camilo Débora Cristina Machado Cornélio Valquiria Nicola Bandeira Marilurdes Cruz Borges Fernando Sabchuk Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.6762020035	
CAPÍTULO 6	67
MASCULINIDADE HEGEMÔNICA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO(S): DIÁLOGO INTRODUTÓRIO ENTRE SIMMEL E TEORIA QUEER	
Adriana Nolibos Baccin	
DOI 10.22533/at.ed.6762020036	

CAPÍTULO 7	79
MULHERES À MARGEM DA MATERNIDADE NA LITERATURA NEGRA Fernanda Mota Pereira DOI 10.22533/at.ed.6762020037	
CAPÍTULO 8	89
PRODUÇÃO LEGISLATIVA FEMININA NA CÂMARA DOS DEPUTADOS DA 55ª LEGISLATURA (2015-2018) Jonas Modesto de Abreu Dalila Rodrigues Barros Leonardo Aires de Castro DOI 10.22533/at.ed.6762020038	
CAPÍTULO 9	100
MORRO DA CONCEIÇÃO: HISTÓRIA DE FÉ E CULTURA QUE SE ENTRELAÇA NO SUBÚRBIO DA CIDADE Lucy Patrícia da Silva de Farias Severino Barbosa da Silva DOI 10.22533/at.ed.6762020039	
CAPÍTULO 10	112
REPRESENTAÇÃO DE MINORIAS NA CÂMARA DOS DEPUTADOS NA 56ª LEGISLATURA (2019-2022) Jonas Modesto de Abreu Bruno Henrique Martins de Almeida Leonardo Aires de Castro DOI 10.22533/at.ed.67620200310	
CAPÍTULO 11	129
RESISTÊNCIA E REVOLUÇÃO: AS MULHERES NA LUTA PELO DIREITO À CIDADE EM SÃO PAULO Natália Yukari Mano DOI 10.22533/at.ed.67620200311	
CAPÍTULO 12	140
SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS DAS ESCOLAS MINEIRAS: ENFOQUES LEGAIS SOBRE AS ATRIBUIÇÕES DOS PROFESSORES Aline Claudino de Castro Débora Felício Faria DOI 10.22533/at.ed.67620200312	
CAPÍTULO 13	152
TRANSVESTIGENERES CONTRA O ESTADO Beatriz Souza de Araujo Dhiego Felipe Pereira Monteiro DOI 10.22533/at.ed.67620200313	
CAPÍTULO 14	186
SEXUALIDADES E TRAMAS NARRATIVAS, UM MERGULHO COM ARTISTA LEONILSON Karlene da Silva Andrade Juliana Silva Chagas DOI 10.22533/at.ed.67620200314	

SOBRE A ORGANIZADORA.....	195
ÍNDICE REMISSIVO	196

MULHERES À MARGEM DA MATERNIDADE NA LITERATURA NEGRA

Data de aceite: 17/03/2020

Esta é uma versão revista do texto originalmente apresentado, de forma preliminar, na Edição 2018 do ENECULT (Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura) e publicado nos Anais do Evento.

Fernanda Mota Pereira

Professora do Departamento de Letras Germânicas do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. E-mail: pmofernanda@gmail.com

RESUMO: Na leitura de textos literários de escritoras de origem afro-americana, caribenha e brasileira, depreende-se a recorrência de personagens mães cujas histórias são marcadas por questões de gênero e raça que se distanciam de representações desse papel em produções da literatura europeia. Ao dimensionar leituras com ênfase em personagens mães, foi possível delinear dois quadros, em termos generalizantes e para fins de estudo. No primeiro, contemplam-se mulheres cuja maternidade é atravessada por uma problemática relativa a reflexões sobre emancipação feminina, isenta da problemática da desigualdade racial, que atua na moldura das experiências de mães negras. No segundo, decalca-se um quadro em que se flagram

mães negras cujas vidas são circunscritas por uma paisagem marcada por questões raciais, históricas, culturais e sociais que enunciam uma maternidade distanciada de imagens que ilustram essa condição. O contraste que esses quadros apresentam convida à reflexão sobre os instrumentais teóricos que podem ser usados em sua análise e acrescenta ao feminismo evocado em estudos sobre mulheres o adjetivo “negro”. Este texto tem, portanto, o intuito de compor um mapa de representações de mães nos dois lados do Atlântico, sob um prisma feminista, com o intuito de refletir sobre a condição de mães em variados textos literários, considerando diferenças e refletindo sobre esquemas de naturalização que encobrem desigualdades nesses quadros.

PALAVRAS-CHAVE: mães, feminismo, literatura pós-colonial.

WOMEN ON THE MARGINS OF MATERNITY IN BLACK LITERATURE

ABSTRACT: The reading of literary texts by African-American, Caribbean, and Brazilian women writers reveals the recurrence of mother characters whose stories are marked by gender and race issues that distance themselves from representations of this role in European literary productions. By dimensioning readings with

emphasis on mother characters, it was possible to delineate two frames, in generalizing terms and for study purposes. In the first, women whose motherhood is crossed by a problem related to reflections on female emancipation, exempt from the problem of racial inequality, which acts in the frame of the experiences of black mothers. In the second, there is a picture in which black mothers' lives are circumscribed by a landscape marked by racial, historical, cultural, and social issues that enunciate a distanced motherhood of images that illustrate this condition. The contrast presented by these situations invites reflection on the theoretical instruments that can be used in their analysis and adds to the feminism evoked in women's studies the adjective "black". That said, this text aims to compose a map of representations of mothers on both sides of the Atlantic, under a feminist perspective, with the purpose of reflecting on the condition of mothers in various literary texts, considering differences and reflecting on naturalization schemes, which cover inequalities in the abovementioned situations. **KEYWORDS:** mothers, feminism, postcolonial literature.

1 | PREÂMBULOS

Em textos literários de autoria feminina, leem-se variadas histórias de mães que não convergem em uma imagem única, figurada de forma estereotipada e quase arquetípica na cultura ocidental. Apesar de reconhecer a diversidade de aspectos que tornam plural a identidade de mães nos mais diversos textos literários, é possível desenhar um mapa na literatura de língua inglesa que estampa dois quadros dissimilares, reunindo, de um lado, mães que exercem o exercício da maternidade e, de outro, aquelas cujo direito de exercê-lo é cindido por fluxos migratórios compulsórios que foram promovidos pela colonização. Assim, no bojo de um esforço interpretativo e de imaginário, recortam-se, a partir de leituras da literatura anglófona nos dois lados do Atlântico, blocos continentais que abarcam duas possíveis interpretações do signo "mãe".

Ao acionar esse signo paradigmaticamente, o leitor da literatura inglesa evoca personagens emblemáticas a exemplo de Mrs. Bennet, em **Pride and Prejudice**, de Jane Austen, cujo principal objetivo de vida era ver suas filhas casadas; a mãe dedicada em **Rumo ao Farol**, de Virginia Woolf, representada por Mrs. Ramsay; a mãe cuja relação com a filha é marcada por silêncios em **Mrs. Dalloway**, também de Virginia Woolf, entre outras referências.

Atravessando o Atlântico, o leitor da literatura anglófona encontra representações de mães, em romances como **Beloved** e **A Mercy**, da afro-americana Toni Morrison, e **Breath, Eyes, Memory**, da haitiana Edwidge Dandicat, que traduzem o papel de mãe com nuances em que incidem as marcas do colonialismo e seus desdobramentos, ainda observados na contemporaneidade. Tais marcas poderiam ser atribuídas a outros fatores históricos ou sociais; porém, textos literários e teorias que abordam a condição do negro denotam que as consequências da escravidão ainda encontram ecos em suas histórias e substanciam desigualdade e discriminação, sob a égide do

conceito de raça, que, segundo Achille Mbembe (2014), tem o mesmo significado de Negro para as sociedades europeias.

Em suas reflexões em *Razão Negra*, Mbembe (2014, p. 19) denuncia o processo de degradação empreendida contra os negros ao afirmar: “[h]umilhado e profundamente desonrado, o Negro é, na ordem da modernidade, o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa, e o espírito, em mercadoria – a cripta viva do capital”. A transformação do negro em mercadoria é ilustrada amplamente na literatura de matriz africana, a exemplo do romance afro-americano **A Mercy**. Nele, há uma cena emblemática em que o Senhor D’Ortega exhibe pessoas escravizadas que trabalhavam em sua fazenda como moeda de troca para o pagamento de uma dívida a Jacob Vaark. Ao exibi-las, apresenta pontos fortes e fracos, sem mencionar as evidentes marcas no corpo causadas pelos maus-tratos. A recusa de Jacob Vaark em receber pessoas como moeda de troca e o seu olhar humanizador em relação a elas despertam na mãe de Florens, uma mulher escravizada mantida por Ortega, a esperança de que ele possa levar a sua filha. Ela pede, então, para que ele a leve. O momento em que ele leva Florens é concebido por sua mãe como uma misericórdia, um ato de redenção – *a mercy* –, que dá título ao romance.

A cena em que uma mãe pede a um homem desconhecido, mas em quem vê gestos de humanidade, para que leve sua filha converge com outras situações análogas. Um exemplo é a história da mãe que, em ato de desespero, mata a própria filha no momento de fuga da escravidão para evitar que ela sofresse as crueldades a que era submetida, narrada em **Beloved**, outro romance de Toni Morrison.

As cenas aludidas unem-se a um amálgama de sofrimentos que enovela a vida da adolescente mãe de filhos do seu próprio pai e que sofria abusos da mãe, contada em **Push**, de Sapphire (1997), e estende-se aos abusos sofridos por Celie, personagem de **The Color Purple**, de Alice Walker. Como em **Push**, Celie foi violentada pelo homem que acreditava ser seu pai, tirando da personagem o direito de ser mãe ao doar seus filhos. Em contexto haitiano, Martine, personagem do romance **Breath, Eyes, Memory**, teve uma filha, Sophie, também oriunda de um estupro. No romance haitiano, Martine decidiu migrar para Nova Iorque, de onde enviou recursos para manter a sua filha que ficou sob os cuidados da irmã, Atie, até se tornar adolescente e passar a morar com a mãe nos Estados Unidos.

Os matizes que as histórias em torno da maternidade assumem nos textos literários citados não devem ser lidos como coincidência, mas, sim, como um sintoma. As duas categorias relativas às representações da maternidade na literatura anglófona são rasuráveis e redimensionáveis ao se ter em tela os sentimentos conflituosos que marcam a relação mãe e filha de personagens como Mrs. Dalloway, por exemplo. Entretanto, o empreendimento crítico que se faz neste artigo coloca em evidência fatores socioculturais na relação mãe e filha que se diferem nos textos literários de autoria europeia e de descendência africana.

Essa diferença não se encerra na violência enfrentada por mulheres negras, tal

como retratados nos romances supracitados de Morrison, Walker, Dandicat e Sapphire. Ele é extensivo às implicações sociais de ser mãe, que não se resume a um papel individual.

O deslocamento do sentido convencional do significado da maternidade, que pressupõe uma relação de cuidado entre mãe e filho, é traduzido magistralmente por Alice Walker (2017) na entrevista disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=UadveROnHHk>. Nela, após ser perguntada sobre o estranhamento em sua relação com sua filha, a autora de **The Color Purple** afirma que, em sua cultura, os filhos não pertencem exclusivamente às mães. A maternidade é compartilhada com a comunidade.

Na afirmação de Walker, lê-se um sentido coletivo atribuído ao papel de mãe na cultura afro-americana. Descortina-se, a partir dessa fala, a condição da mulher negra que engendrou uma conotação diferente do signo “mãe” em contraste à acepção observada em textos literários de escritoras brancas. Tal desdobramento pode ser lido como um modo de entender e lidar com a maternidade, mas pode ser também interpretado como uma estratégia para lidar com a dissolução dos parentescos calcada no que Mbembe chamou de “comunidade dos sem pais” (MBEMBE, 2014, p. 69) em virtude das sucessivas perdas de laços familiares e culturais às quais os negros eram submetidos em virtude da escravidão.

Sujeito às armadilhas da generalização, mesmo sem intencioná-la, este artigo se propõe a ler a maternidade em contexto pós-colonial, tendo em perspectiva narrativas de autoria negra, em especial, dois romances, a saber: **Breath, Eyes, Memory**, da haitiana Edwidge Dandicat, e **A Mercy**, da afro-americana Toni Morrison.

2 | MULHERES À MARGEM DA MATERNIDADE NA LITERATURA NEGRA

Em **Feminist Theory: From Margin to Center**, a autora afro-americana bell hooks (1984) flagra, no despontar dos movimentos de emancipação feminina, uma perspectiva unilateral nas discussões que privilegiam a agenda de mulheres brancas de classe média. Em tal agenda, essas mulheres enunciam que “a maternidade era um sério obstáculo à emancipação das mulheres, uma armadilha que confinava as mulheres ao lar, mantendo-as presas a limpar, cozinhar e cuidar dos filhos” (hooks, 1984, p. 133, tradução nossa). Ao contrastar essas demandas àquelas de mulheres negras, hooks traz à cena fatores que escapam à pauta das feministas brancas, a exemplo do “racismo, vagas de emprego, falta de habilidades ou educação e inúmeras outras questões” (hooks, 1984, p. 133, tradução nossa).

Um olhar superficial sobre a realidade dessas mulheres apresentaria como contraponto a ponderação de que as privações e necessidades atingem todas as mulheres indiscriminadamente. Todavia, ao deslocar-se para as margens nas quais mulheres negras se situam, nota-se que a elas é negado, por motivos históricos, sociais e culturais, até mesmo o que é reclamado por mulheres brancas como inadequado ou

insuficiente. No que pese a condição das mulheres negras, o confinamento denunciado por mulheres brancas, que as priva do trabalho fora do lar, distancia-se, em muitos graus, do trabalho feito em lares alheios como meio de sobrevivência e a franquia de sua maternidade às pessoas de sua comunidade por ter que cuidar dos filhos das mulheres brancas que lutam por emancipação.

As diferenças no exercício de maternidade entre essas mulheres são um dos desdobramentos do colonialismo. Entre tais desdobramentos, destaca-se a composição de um imaginário em torno dos sujeitos colonizados, soerguido em uma gramática de naturalizações que imprimiram condições de desprestígio a povos submetidos à escravização. Em sua leitura sobre o encontro dos europeus com os africanos, Chinua Achebe afirma que aqueles viram, sob as lentes do desconhecimento sobre a África, um continente onde não havia “nenhuma cultura, religião ou história” (ACHEBE, 2012, p. 54, tradução nossa). Desde então, o não ter e, em seu bojo, o não ser são as condições mais comumente associadas a africanos e seus descendentes.

Ao tomar a afirmação de Achebe (2012) como metáfora, estende-se essa leitura do continente a uma operação de esvaziamento interessado dos seus signos. O caráter tendencioso dessa leitura atende ao propósito de interpretar uma cultura com a finalidade de justificar um processo de dominação. Em tons análogos, a invisibilidade do papel de mãe da mulher negra também passa pelo crivo de lentes que ignoram que há mães que se privam de tal papel para que outras mães não abduquem de status sociais que almejam. Nessa invisibilidade, flagra-se um discurso que enuncia sub-repticiamente que essa mulher sem liberdade, sem recursos e sem pátria (ou deslocada nela) pode servir ao propósito de outras mulheres de se emanciparem.

A erosão do sentido da palavra “mãe” para algumas mulheres atravessa as mais variadas situações e não se pretende, aqui, mensurar as gradações dos efeitos das abdições feitas diante do nascimento de um filho. Interessa, contudo, mostrar sentidos nem sempre vistos exceto no processo de dilatação de perspectivas que a literatura, a arte de ouvir ou assistir a histórias pode promover, quando, então, atravessa-se para o outro lado da margem. Ao se usar a palavra “outro”, alude-se ao fato de ainda haver uma recorrência maior de representações femininas que traduzem a condição de mães cujos conflitos orbitam questões indiferentes à problemática que circunda mulheres de histórias trançadas em contexto pós-colonial, em destaque, mulheres negras.

O termo “pós-colonial” é evocado não apenas porque nos romances enfocados neste artigo figuram aspectos que os situam em tal contexto. Ele serve, também, para demarcar os efeitos do colonialismo e suas ressonâncias em um contínuo assinalado pelo prefixo “pós”. Nesses romances, sublinham-se temas que remontam a essas ressonâncias, a exemplo da imigração como caminho compulsório para garantir o sustento em situação de oportunidades escassas no Haiti em uma vida de privações que condena à morte precoce; e a desumanização imposta pela escravização em cujo cenário ter um filho é um ato que se reduz à cena do nascimento da criança, pois, tão

logo essa chegava à luz, ela já pertencia ao senhor da mãe escravizada, sendo essa desprovida da posse do filho e de si.

A Mercy e Beloved retratam cenas da era da escravidão nos Estados Unidos. Em ambos os romances, são representadas mulheres que foram escravizadas e, diante das crueldades vividas, abdicaram de seus filhos. Em **Beloved**, as torturas resultantes da condição de escravizada leva Sethe a cometer infanticídio ao matar um de seus filhos. O romance é uma releitura da história de Margaret Garner, nascida em Kentucky em 4 de junho de 1833, que vivia como escrava de Archibald K. Gaines, juntamente com sua mãe e seus quatro filhos (BYNUM, 2017). No ápice de um projeto fracassado de fuga, diante da possibilidade de voltar à escravidão, Garner tentou matar seus filhos e a si mesma, tendo conseguido realizar o feito apenas em relação à filha de dois anos de idade. O romance não é a única releitura da história de Margaret Garner. De acordo com Leo James Bynum, em 2005, Morrison escreveu a ópera *Margaret Garner* com ênfase no tema da “autodeterminação das mulheres” (BYNUM, 2017, p. 1, tradução nossa). Essas releituras apontam para a importância do tema para a cultura afro-americana.

Esses romances compõem um acervo de memórias sobre a subjugação e os martírios resultantes do colonialismo e, por extensão, da escravidão. Nesse sentido, os romances de Morrison e Dandicat inserem-se na literatura pós-colonial porque, de acordo com Ashcroft et al. (2010), nessa literatura abordam-se histórias de sujeitos “afetados pelo processo imperial do momento da colonização ao momento presente” (ASHCROFT, 2010, p. 2).

Apesar de os movimentos de independência das colônias datarem de séculos em alguns casos e décadas em outros, os efeitos do colonialismo bem como suas causas ainda podem ser testemunhados e esses temas fazem parte do painel que compõe a literatura de escritoras como Morrison. Entre esses temas, destaca-se o preconceito racial impresso pelo empreendimento discursivo calcado em um cientificismo unilateral, que representava africanos como sujeitos desprovidos de traços, hábitos e modos de existência humanos, como assinala Chinua Achebe (2000). Tal empreendimento discursivo é extensivo aos séculos XVIII e XIX quando textos literários eram produzidos para consolidar e justificar a imagem do negro como escravizado, naturalizando tal condição.

No tocante à naturalização, Chinua Achebe (2000) assinala o poder que a literatura tem em construir imaginários. Durante séculos, esses imaginários não contemplaram questões relativas aos africanos e seus descendentes a partir da perspectiva desses, mas, sim, através de uma visão interessada em reduzi-los a estereótipos com fortes propósitos de desumanização. A presença da versão africana da história sobre a África ainda é muito recente. A ausência de histórias de autoria africana ou afrodescendente, por sua vez, é um dos fatores que contribuem há séculos para atribuir posições de prestígio nos mais diversos âmbitos aos brancos e de desprestígio a quem não reflete o padrão construído por aqueles que estão nos centros hegemônicos.

As gradações da diferença engendrada pela discriminação aumentam ao se pensar em outros grupos minoritarizados, invisibilizados em nome de uma homogeneização forjada. Essa homogeneização, traduzida na metáfora do espelho, em que se busca excluir ou desumanizar o que não reflete a própria semelhança, foi um dos grandes empreendimentos coloniais em nome dos quais sujeitos tiveram suas vidas ceifadas ou escravizadas.

Ao retomar a afirmação de Chinua Achebe (2000) no trecho já citado, nota-se que o ímpeto de dominação do europeu em relação ao africano partiu de motivações erguidas no desconhecimento, no sentimento de superioridade e também no ímpeto de dominar, macular ou dizimar o que não refletisse seus padrões. E, assim, o colonialismo deixou suas marcas na história, economia, cultura e nos modos de ler os sujeitos advindos das colônias e ex-colônias, em especial aqueles provenientes do contexto de maior dominação europeia, a saber, o contexto africano.

Em virtude de séculos de produção discursiva, teórica e literária eurocêntrica, não foi fácil encontrar espaço para uma produção que alertasse para a história unilateral construída por autores brancos e retratasse a cultura africana e de origem africana fora do prisma do preconceito. Apenas recentemente textos de escritores negros começaram a ganhar projeção na cena editorial. A ausência de uma representatividade de aspectos culturais de matriz africana é sublinhada por Chimamanda Adichie (2012) em **O Perigo de uma História Única**, em que assinala o padrão europeu encontrado nos livros que lia quando criança. Em analogia, bell hooks (1984) notou a mesma ausência de discussões em torno da mulher negra na agenda de debates feministas.

De acordo com hooks (1984, p. 1), “o feminismo nos Estados Unidos nunca emergiu de mulheres que eram as mais vitimizadas pela opressão sexista” (hooks, 1984, p. 1, tradução nossa). A autora cita o texto *The Feminine Mystique*, escrito por Betty Friedan, que assinala o silêncio de mulheres que clamam por algo para além de trabalhos domésticos e cuidado com os filhos. Implícita nessa afirmação, hooks flagra a voz de mulheres brancas de classe média ou alta que concluíram seus estudos e questiona a ausência de discussão em torno da condição de mulheres negras que teriam de cuidar dos filhos e da casa dessas mulheres que lutam por direitos iguais em relação aos homens, mas são insensíveis à disparidade de direitos entre aquelas do mesmo sexo.

Betty Friedan discute direitos das mulheres de um lugar de fala que enuncia a classe social e a cor das mulheres que ela defende em seu livro. Esse exercício de escrita que se pauta no lugar de fala do escritor e desconsidera outras situações pode ser pensado sob o prisma trazido por Simone de Beauvoir ao discorrer sobre o “outro” como categoria engendrada pelos mais diversos sujeitos. Em **The Second Sex**, Beauvoir afirma que “nenhum grupo se define como um grupo sem imediatamente estabelecer o Outro como seu oposto” (BEAUVOIR, 2011, p. 393, tradução nossa).

Embora nos exemplos dados por Simone de Beauvoir pareça existir um binarismo na configuração desse Outro, o seu pensamento permite refletir sobre a ausência

de considerações sobre os “Outros” no cerne da construção de empreendimentos discursivos. Os discursos centrados em questões que enunciam o lugar de fala do autor são aceitáveis na medida em que aquele que escreve enuncia esse lugar em seu discurso. Inaceitável, contudo, é constatar a recorrência de espaços dados a um único lugar de fala. O texto de Simone de Beauvoir alerta para as ausências e lacunas das quais ele não escapa e, nesse sentido, leva o leitor ao aprendizado de um modo de ler e reconhecer as lacunas na tessitura das generalizações.

No exercício de reconhecer lacunas, flagrou-se, na leitura de textos literários de autoria europeia com personagens mães, a falta de mulheres escravizadas ou pertencentes a situações marcadas por privações da prática da maternidade, não por questões subjetivas, mas por forças sociais e por um histórico alicerçado no colonialismo. Não se pretende, com as reflexões deste artigo, franquear um quadro desfavorável à maternidade imposto apenas a mulheres negras. A imersão em estudos de textos de autoria feminina não passa indiferente a personagens como Bertha Young, do conto “Bliss”, de Katherine Mansfield, que se sente deslocada diante do papel de mãe e é dele destituída pela babá de sua filha; ou mesmo do drama da mãe em “The Kettle on the Boat”, quando, em virtude das dificuldades econômicas que vivencia com o marido, é levada a dar a sua filha a outra família. Histórias como essas tornam indiscrimináveis os dramas que podem ser vivenciados por mães na Nova Zelândia ou no País de Gales, pátrias às quais as autoras dos dois contos mencionados pertencem, e no Haiti, Estados Unidos ou Brasil.

Entretanto, é válido pontuar que o recorte que privilegia romances de duas escritoras negras tem como uma de suas justificativas o que Chinua Achebe (2000, p. 73) chama de “equilíbrio de histórias”. Ele usa essa imagem para intitular o capítulo de **Home and Exile** em que relata ter sido perguntado se pensava em escrever uma história ambientada nos Estados Unidos, ao que respondeu que já havia muitas histórias sobre esse país enquanto que sobre a Nigéria havia muito poucas e que essa era uma questão de equilíbrio.

Na esteira de Achebe, ressalta-se a importância de contemplar histórias de escritoras negras pertencentes a contextos pós-coloniais diante de uma tradição de leituras austenianas na literatura de língua inglesa. Os enredos de textos de autoria negra também indicam a importância de abordar histórias de maternidade afetadas pela escravidão e seu legado de preconceitos, nem sempre articuláveis ao signo “mãe” e em virtude da ainda insuficiente recorrência de debates em torno de temas contemplados na literatura negra.

No tocante a ausências e exclusões, segundo Maria do Perpetuo Socorro Reis Cosme (2005), em “African American Criticism in Toni Morrison’s **Beloved**”, apenas a partir da década de 1960, a história afro-americana passou a figurar no currículo das escolas americanas. De acordo com ela, isso “reflete a exclusão virtual da história e cultura afro-americana de versões oficiais da história americana antes daquela época” (COSME, 2005, p. 91, tradução nossa). A afirmação de Cosme e um

arsenal de textos produzidos na contemporaneidade apontam para a necessidade de direcionar a atenção para a literatura negra e abordar questões que são comumente tratadas em discussões sobre direitos das mulheres, mas que não alcançam mulheres cuja maternidade é afetada pela desigualdade sociorracial e pela violência que tal desigualdade engendra.

Como já assinalado, não há coincidência na tematização da orfandade, violência e ausência de liberdade ou condições para exercer a maternidade. Há um painel histórico e social no qual é possível vislumbrar os fatores que geraram esses retratos marcados pela ausência de filhos e parentes dispersos pelas ações da escravidão e suas consequências.

3 | NOTAS FINAIS

Na época em que Margaret Garner matou sua filha de dois anos no momento em que foi capturada em uma tentativa de fuga, as opiniões sobre o ato dividiram-se entre as pessoas que apoiavam e as que eram contrárias à escravidão. De acordo com Bynum (2017), os que apoiavam enunciavam a inferioridade dos negros em termos humanos e a necessidade de uma estrutura como a escravidão para contê-los. Aqueles que eram contrários, por sua vez, denunciavam o caráter degradante da escravidão que servia a práticas de desumanização. As notas impressas nos jornais e comentários da época certamente não descortinaram os bastidores da dor que motivou tal ato. A literatura tem, então, o papel de desnudar as marcas nem sempre visíveis na superficialidade da notícia. Esse papel justifica a importância de romances como **Beloved**, **A Mercy**, **Breath, Eyes, Memory**, **The Color Purple**, **Push** e outros, em que o tema da maternidade é tratado de um modo que atravessa o impensável para leitores afeitos à literatura europeia e mesmo euro-americana.

Em um retorno que não se espera eterno, o tema central da história de Garner e da personagem Sethe de **Beloved** também é retratado no romance **Breath, Eyes, Memory**, de Dandicat. Nele, atormentada por pesadelos, a mãe de Sophie, Martine, ao saber que estava grávida, deu dezessete golpes de faca em seu próprio estômago. Com esses golpes, a personagem pôs fim a uma mãe nascida sob o signo da violência e da não escolha. Coube a ela, em um ato extremo, escolher dar um fim aos tormentos engendrados pelo estupro e libertar-se do pesadelo em que se tornou a própria vida.

No capítulo final de **Breath, Eyes, Memory**, a avó de Sophie pede sua atenção e diz: “as palavras podem dar asas aos seus pés” (DANDICAT, 1994, p. 234, tradução nossa). Espera-se que as palavras que preenchem as páginas dos livros mencionados e artigos que abordam a condição de mulheres negras em contexto pós-colonial possam dar asas a uma imaginação que transforme em atos a indignação que acomete os sensíveis às práticas de crueldade engendradas pelo preconceito – principal herança do colonialismo.

Sentir-se tocado pelas linhas de violência e subjugação que atam as vidas das

mães representadas pelas escritoras negras enfocadas já é um começo para imprimir ação ao ato de imaginar.

REFERÊNCIAS

ACHEBE, Chinua. **Home and Exile**. New York: Anchor Books, 2001.

ACHEBE, Chinua. **There Was a Country: a Personal History of Biafra**. New York: The Penguin Press, 2012.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O Perigo de uma Única História. Disponível em: <http://www.osurbanitas.org/osurbanitas9/Chimamanda_Adichie.pdf>. Acesso em 2 abr 2012.

Alice Walker Q&A discussion: Beauty in Truth. Acessível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UadveROnHHk>>. Acesso em 13 abr 2017.

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. **The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures**. 2.ed., London and New York: Routledge, 2010.

AUSTEN, Jane. **Pride and Prejudice**. London: Penguin Books, 1994.

BEAUVOIR, Simone de. **The Second Sex**. Traduzido por Constance Borde e Sheila Malovany-Chevallier, New York: Vintage Books, 2011.

BYNUM, Leon James. Toni Morrison and the translation of history in Margaret Garner. Disponível em: <http://webs2002.uab.es/doletiana/3Documents/leon_james_bynum-margared_garner.pdf>. Acesso em: 14 abr 2017.

COSME, Maria do Perpetuo Socorro Reis. African American Criticism in Toni Morrison's *Beloved*. In: TOMITCH, Lêda M. B. et. Al. **Literaturas de Língua Inglesa: Visões e Revisões**. Florianópolis: Insular, 2005, p. 91-97.

DANDICAT, Edwidge. **Breath, Eyes, Memory: a Novel**. New York: Vintage Books, 1994.

GEBBIE, Vanessa. The Kettle on the Boat. In: BRAZIER, Chris (ed.). **One World: a Global Anthology of Short Stories**. Oxford: New Internationalist Publications Ltda, p. 89-93.

HOOKS, Bell. **Feminist Theory: from Margin to Center**. Boston: South End Press, 1984.

MANSFIELD, Katherine. Bliss. Disponível em: <<https://ebooks.adelaide.edu.au/m/mansfield/katherine/bliss/complete.html>>. Acesso em 19 nov 2016.

MORRISON, Toni. **A Mercy**. London: Vintage, 2009.

MORRISON, Toni. **Beloved**. New York: Alfred A. Knopf, 2005.

SAPPHIRE. **Push**. Tradução Jean-Pierre Carasso. Paris: Éditions de l'Olivier, 1997.

WALKER, Alice. **The Color Purple**. Orlando: Harcourt, Inc., 1994.

WOOLF, Virginia. **Mrs. Dalloway**. Tradução Mário Quintana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

WOOLF, Virginia. **Rumo ao Farol**. Tradução Luiza Lobo. Rio de Janeiro: O globo; São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arte 83, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194

Autobiografia 186, 190, 192

B

Bio-Tanatopolítica 152, 157

C

Câmara dos Deputados 89, 94, 112, 117, 118, 119, 120, 126, 127, 177

Cidadania 16, 22, 23, 24, 25, 46, 47, 63, 92, 132, 133, 135, 138, 145, 158

Cultura 4, 18, 20, 21, 22, 25, 29, 51, 53, 54, 55, 59, 60, 65, 68, 70, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 95, 98, 100, 101, 102, 104, 106, 108, 109, 110, 117, 137, 148, 153, 160, 170, 171, 188, 191, 195

D

Direito à cidade 129, 130, 132, 135, 136, 137, 138

E

Educação 7, 9, 15, 16, 17, 18, 23, 24, 25, 26, 38, 42, 43, 44, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 69, 73, 77, 82, 95, 97, 98, 99, 111, 127, 131, 136, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 154, 185, 195

Educação Especial 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 150

F

Fé 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 110, 184

Feminismo 67, 68, 77, 79, 85, 99, 169, 172, 184

G

Gênero 1, 4, 6, 8, 9, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 52, 53, 54, 60, 61, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 91, 97, 98, 99, 116, 130, 136, 137, 138, 139, 147, 153, 160, 161, 162, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 188, 191, 193

Georg Simmel 67, 68

H

História 3, 4, 12, 14, 28, 35, 36, 37, 47, 56, 64, 66, 71, 77, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 92, 100, 101, 104, 105, 110, 111, 117, 133, 138, 157, 158, 162, 171, 174, 175, 182, 184, 186, 187, 194, 195

HIV/Aids 27, 28, 29, 30, 31, 35, 36

Homossexualidade 161, 162, 169, 186

I

Inclusão 13, 30, 63, 65, 93, 117, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 149, 150, 154, 157, 159, 165, 169, 181

Invisibilidade 1, 35, 83, 138

J

Judith Butler 67, 68, 191

L

Literatura pós-colonial 79, 84

Lutas feministas 129, 133

M

Mães 79, 80, 82, 83, 86, 88

Masculinidade hegemônica 20, 67, 70, 73, 75, 76

Morro da Conceição 100, 101, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 111

Movimentos Sociais 98, 132, 137, 138, 152, 165, 175, 183, 185

Mulher 1, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 22, 25, 32, 33, 51, 52, 66, 68, 69, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 81, 82, 83, 85, 91, 92, 93, 95, 97, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 160, 162, 163, 164, 170, 171, 172, 174, 179

Mulheres na cidade 129, 130, 133, 135

N

Narrativa 163, 173, 186

Necropolítica 152

P

Poder Legislativo 112, 127

Prisão 1, 2, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 41, 42, 43, 113, 163

R

Representação política 90, 93, 94, 97, 99, 112, 116, 128, 185

Representação política de minorias 112

S

Sala de Recursos 140, 146, 150

Sexualidade 22, 35, 36, 37, 77, 157, 160, 167, 169, 171, 172, 174, 176, 180, 183, 186, 192, 193, 194, 195

Sorodiferença 28, 29, 31, 32

T

Teoria Queer 67, 68, 71

Territorialização Perversa 38

Trânsito 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 26

Transvestigeneres 152, 169, 172, 176, 179, 181

U

Uso de Drogas 38, 39

V

Violência 1, 7, 10, 11, 15, 22, 23, 38, 39, 41, 42, 43, 46, 47, 52, 58, 60, 63, 64, 67, 68, 69, 70, 73, 74, 75, 76, 77, 81, 87, 97, 134, 135, 137, 139, 153, 159, 163, 166, 186, 191

Violência de gênero(s) 52, 67, 68, 69, 73, 75

 **Atena**
Editora

2 0 2 0